

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora  
instagram.com/marcador\_editora

© 2012

Direitos reservados para Marcador Editora,  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Título original: *The Voice of The Silence*

Autor: Helena Petrovna Blavatsky

Tradução: Fernando Pessoa

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença

Imagens da capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 346912/12

1.ª edição, Lisboa, agosto, 2012

Reimpressão, Lisboa, novembro, 2017

# **FRAGMENTO I**

## **A VOZ DO SILÊNCIO**



ESTAS INSTRUÇÕES são para aqueles que não conhecem os perigos dos Iddhi<sup>1</sup> inferiores.

Aquele que quiser ouvir a voz de Nada<sup>2</sup>, o Som sem som, e compreendê-la, terá de aprender a natureza do Dharana<sup>3</sup>.

Tendo-se tornado indiferente aos objectos da percepção, deve o aluno procurar o Raja dos sentidos, o produtor de pensamentos, aquele que acorda a ilusão.

A Mente é a grande assassina do Real.

Que o discípulo mate o assassino.

Porque quando para si mesmo a sua própria forma parece irreal, como o parecem, ao acordar, todas as formas que ele vê em sonhos; quando deixar de ouvir os muitos, poderá

divisar o Um – o som interior que mata o exterior.

Então, e só então, abandonará ele a região de Asat, o falso, para chegar ao reino de Sat, o verdadeiro.

Antes que a Alma possa ver, deve ser conseguida a harmonia interior, e os olhos da carne tornados cegos a toda a ilusão.

Antes que a Alma possa ouvir, a imagem (o homem) tem de se tornar surda aos rugidos como aos segredos, aos gritos dos elefantes em fúria como ao sussurro prateado do pirilampo de ouro.

Antes que a Alma possa compreender e recordar, ela deve primeiro unir-se ao Falador Silencioso, como a forma que é dada ao barro se uniu primeiro ao espírito do escultor.

Porque então a Alma ouvirá e poderá recordar-se.

E então ao ouvido interior falará

A VOZ DO SILÊNCIO,

e dirá:

Se a tua Alma sorri ao banhar-se ao sol da tua vida; se a tua Alma canta dentro da sua crisálida de carne e de matéria; se a tua Alma chora dentro do seu castelo de ilusão; se a tua Alma se esforça por quebrar o fio de prata que a liga

ao Mestre<sup>4</sup>; sabe, ó discípulo, que a tua Alma é da terra.

Quando ao tumulto do mundo a tua Alma<sup>5</sup> que desabrocha dá ouvidos; quando à voz clamorosa da grande ilusão<sup>6</sup> a tua Alma responde; quando se assusta ao ver as lágrimas quentes da dor, quando a ensurdecem os gemidos da angústia, quando a Alma se retira, como a tartaruga tímida, para dentro da concha da personalidade, sabe, ó discípulo, que do seu Deus silencioso a tua Alma é um sacrário indigno.

Quando, já mais forte, a tua Alma vai saindo do seu retiro seguro; quando, deixando o sacrário protector, estende o seu fio de prata e avança; quando, ao contemplar a sua imagem nas ondas do espaço, ela murmura: «Isto sou eu» – declara, ó discípulo, que a tua Alma está presa nas teias da ilusão<sup>7</sup>.

Esta terra, discípulo, é a sala da tristeza, onde existem, pelo caminho das duras provações, armadilhas para prender o teu Eu na ilusão chamada «a grande heresia»<sup>8</sup>.

Esta terra, ó discípulo ignaro, não é senão a triste entrada para aquele crepúsculo que precede o vale da verdadeira luz – essa luz que nenhum vento pode apagar e que arde sem óleo nem pavio.